



SEÇÃO: ENSINO DE HISTÓRIA E USOS DO PASSADO

A quebra do silêncio: a prática de uma “história vista de baixo” nas aulas de história

Breaking the silence: the practice of a “history seen from below” in history classes

Anna Rafaella de Paiva Dantas¹

orcid.org/0000-0002-9908-2901
anarpaiva1@hotmail.com

Francisco das Chagas Silva Souza²

orcid.org/0000-0002-9721-9812
chagas.souza@ifrn.edu.br

Recebido em: 30/06/2021.

Aprovado em: 05/11/2021.

Publicado em: 17/12/2021.

Resumo: Neste artigo, discutimos a invisibilidade da história dos trabalhadores da região salineira do Rio Grande do Norte, especialmente de Mossoró. A gestão municipal reproduz, nos espaços públicos e em eventos, um enaltecimento de fatos em que as elites locais são protagonistas. Em detrimento disso, outros fatos são “esquecidos”, a exemplo da organização e da mobilização dos trabalhadores das salinas em princípios do século XX. Por meio de uma proposta didático/pedagógica, trouxemos essa discussão para a sala de aula do ensino médio, em uma instituição de educação profissional, mediante uma visita ao Museu Municipal Lauro da Escóssia, em Mossoró, oportunidade em que os alunos conheceram a organização desse espaço, a disposição do acervo e o que ali está disponível como fontes oficiais para a História local. Após a visita, realizamos um debate no qual os alunos refletiram acerca da experiência no Museu. Em seus comentários, pudemos perceber os cuidados com o patrimônio histórico e uma crítica à história oficial, fato que nos levou a constatar a positividade da experiência no Museu, ao possibilitar o diálogo entre o passado, o presente e um projeto de futuro, elemento necessário à consciência histórica e ao agir intencionalmente no mundo.

Palavras-chave: Operários do sal. Ensino de História. História local. Mossoró. Museu.

Abstract: In this article, we discuss the invisibility of the workers' history in the saline region of Rio Grande do Norte, especially in Mossoró. The Municipal management reproduces in public spaces and at events, an exaltation of facts in which local elites are the protagonists. To the detriment of this, other facts are “forgotten”, such as the organization and mobilization of workers in saline fields in the beginning of the 20th century. Through a field research, we brought this discussion to a High School classroom, in a Professional Education institution, through a visit to the Municipal Museum Lauro da Escóssia, in Mossoró, an opportunity in which students learned about the organization of this space, the disposition of the collection and what is available there as official sources for local history. After the visit, we held a debate in which students reflected on their experience at the Museum. In their comments, we could see the carefulness taken with the historical heritage and a critique about official history, a fact that led us to confirm the positivity of the experience at the Museum, by enabling the dialogue between the past, the present and a project for the future, a necessary element on intentionally acting in the world, transforming it.

Keywords: Salt Workers. History teaching. Local History. Mossoró. Museum.

Introdução

Entre os temas mais presentes nas pesquisas historiográficas, nas últimas décadas, certamente a história dos grupos marginalizados e silenciados vem ganhando notoriedade. A vasta produção sobre esse



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC), Mossoró, RN, Brasil.

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Mossoró, RN, Brasil.

tema nos leva a destacar o texto clássico de Jim Sharpe sobre a "história vista de baixo" (1992), que nos inspirou na escrita desse artigo, e os estudos do historiador E. P. Thompson sobre a formação da classe operária inglesa (1987a, 1987b, 1987c).

No Brasil, as histórias e as memórias dos trabalhadores, das mulheres, dos negros, dos indígenas, enfim, das "pessoas comuns", foram propositalmente esquecidas pelos grupos sociais que exerciam o controle político, econômico e cultural. Quando muito, essas memórias vinham (e ainda vêm) para as escolas e espaços públicos sob a forma de "manifestações folclóricas".

Um exemplo desse esquecimento é a história dos trabalhadores das salinas de Mossoró e região Oeste do Rio Grande do Norte, pouco lembrada nas instituições de ensino. A Liga Operária, criada em 1921, e a Associação dos Trabalhadores na Extração do Sal, fundada em 1931, por terem se insurgido, na década de 1930, foram caladas e postas no esquecimento. Em contraposição, a memória oficial tem enaltecido outros fatos, em eventos promovidos pela gestão municipal, que fortalecem uma memória local mais condizente aos interesses das elites.

Partindo dessas lacunas, desenvolvemos uma pesquisa no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) abordando, no ensino de História, temáticas referentes à história dos trabalhadores das salinas em Mossoró. O objetivo era problematizar a invisibilidade dos trabalhadores de um setor econômico muito importante para o Rio Grande do Norte, levando para as aulas de História, um tema pouco estudado: o trabalho e a organização dos trabalhadores das salinas nas primeiras décadas do século XX.

Considerando a hipótese de que os estudantes da educação básica conheciam pouco ou não conheciam acerca dos movimentos organizados pelos trabalhadores das salinas, resolvemos aplicar um questionário semiestruturado com

alunos de cursos técnicos de nível médio na forma integrada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), *campus* Mossoró. A partir desses questionários, respondidos por 86 estudantes, constatamos que apenas quatro já ouviram falar desse assunto; os demais conheciam fatos da história de Mossoró, mas só aqueles amplamente divulgados pela gestão municipal em certas épocas do ano. Assim, no primeiro semestre de 2019, realizamos nossa pesquisa com um grupo de 15 alunos² do último ano do Curso Técnico de Nível Médio em Edificações na Forma Integrada.

O convite para uma visita ao Museu Histórico Lauro da Escóssia³ deu-se por acreditarmos, como Carbonell (2002), que os espaços fora da sala de aula estimulam uma aprendizagem mais dinâmica e, caso sejam bem aproveitados, tornam-se um cenário relevante para a aprendizagem. A atividade de campo possibilita o contato direto com o ambiente de estudo fora da sala de aula, permitindo ao professor estabelecer um processo de ensino-aprendizagem mais interativo e proveitoso.

Feita a visita, tivemos outros dois encontros com os alunos objetivando levá-los a refletir a respeito da história que era apresentada naquele espaço. Partimos dos questionamentos: qual a história preservada nos acervos do Museu? A história de Mossoró se resume ao que estava guardado naquele Museu? Quais histórias não são contadas? Por que não são contadas?

Este artigo está dividido em duas seções. Na primeira, trazemos uma discussão sobre a memória coletiva mossoroense e como os episódios da História local são evidenciados ou silenciados pela própria cidade; em seguida, na segunda seção, apresentamos como ocorreu a visita ao Museu e as reflexões que essa experiência possibilitou no que tange à história do trabalho e dos trabalhadores das salinas.

² Inicialmente, nossa proposta era trabalharmos com 30 estudantes. Entretanto, o número de participantes foi reduzido em virtude de alguns interessados, em 2018, concluíram o curso nesse ano e a pesquisa não incluía egressos, conforme o projeto de pesquisa aprovado pelo CEP. Também, em fins de 2018, não foi possível realizarmos a pesquisa em função de algumas limitações impostas pelo CEP e o envolvimento dos alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

³ O mossoroense Lauro da Escóssia, nascido em 14 de março de 1905, era jornalista, escritor e integrante do jornal *O Mossoroense*, periódico esse que foi um dos primeiros a ser fundado no Brasil. Lauro da Escóssia escreveu não apenas sobre jornalismo, mas também retratou outros temas referentes ao município de Mossoró como o esporte, a atuação da Maçonaria, entre outras memórias.

1 Festejos em Mossoró: lembranças e esquecimentos

Mossoró é a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte e possui uma população de aproximadamente 300 mil habitantes (IBGE, 2020). Destaca-se economicamente pela indústria salineira, a fruticultura irrigada e a extração do petróleo e reforça, há décadas, o discurso de "Terra da liberdade, da resistência e do pioneirismo". Aos poucos, a cidade construiu uma identidade que remete a feitos históricos e à construção de um passado glorioso, heroico, e que, por isso, precisa ser sempre lembrado e reforçado.

Para Pollak (1992, p. 204) a construção da identidade caracteriza-se como um fenômeno que está pautado nos "critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros". Assim, o esforço em exaltar determinados eventos do passado traduz a perspectiva de que tanto a memória quanto a identidade são vistas como valores em disputa entre os diversos grupos sociais. Vence essa disputa quem tem mais condições de controlar o que pode ser dito e o que deve ser esquecido.

Conforme alguns memorialistas, Mossoró foi o primeiro município a abolir a escravidão no Brasil, em 30 de setembro de 1883, cinco anos antes da promulgação da Lei Áurea.⁴ Conforme Rosado (2006), a Sociedade Libertadora Mossoroense, criada em janeiro de 1883, era composta por maçons e defendia a alforria dos escravos. Em 10 de junho de 1883, essa Sociedade concedeu carta de alforria a 40 cativos, ou seja, "a mais de metade de nossa população escrava. É um caminho andado para o 30 de setembro" (ROSADO, 2006, p. 97).

Esse episódio é apropriado pela classe política e econômica mossoroense no sentido de construção de um discurso vanglorioso. Os memorialistas e os historiadores tradicionais como

Nonato (1987), Cascudo (2001), Rosado (2006), a imprensa local e os eventos culturais elevaram algumas personalidades políticas ao patamar de heróis que estão presentes nos monumentos, nos nomes de escolas, teatro, ruas, bairros, instituições públicas etc.

Além da materialização da memória nos espaços públicos, outro instrumento utilizado para reforçá-la é a promoção de festividades, pois, se a identidade é construída com base nas representações, nos discursos, nos sistemas de classificações simbólicas, a festa também ganha a centralidade em virtude do seu poder de impressionar (BEZERRA, 2008).

Para Felipe (2008, p. 46), "o controle da festa por parte dos seus donos ou promotores induz ao pensamento de que a festa é uma condição daqueles que detêm o controle político". O objetivo dos produtores dos festejos é propiciar um ensinamento acerca do ideal de liberdade bem como uma resistência às ameaças que possam prejudicar seus anseios políticos (FELIPE, 2008).

Seguindo essa lógica, uma das festas mais importantes promovidas pelo Executivo mossoroense é a comemoração do "30 de setembro". Nesse dia, que é feriado municipal, há apresentações culturais, cerimônias cívicas e shows com artistas locais e nacionais. Desde 1999, a celebração mais importante é o "Auto da Liberdade, que já chegou a ser considerado o maior espetáculo teatral em palco ao ar livre do Brasil."⁵

O espetáculo cênico transmite, além do entretenimento, uma perspectiva educativa sobre a história de Mossoró, facilmente compreendida e absorvida, pois, como salienta Brandão (2007, p. 12), a educação existe também nos espaços "onde não há a escola e por toda parte pode haver redes e estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra". Assim, a apresentação artística torna-se mais um instrumento

⁴ O pioneirismo abolicionista de Mossoró gera polêmicas, pois não distante dali, no Ceará, a cidade de Redenção pôs fim à escravidão antes de Mossoró, levando esta cidade ao posto de primeira cidade abolicionista do Rio Grande do Norte e não mais do Brasil, como queriam muitos.

⁵ As temáticas abordadas no "Auto da Liberdade", além do "pioneirismo" da libertação dos escravos em Mossoró, há mais três episódios que demonstram a "bravura" e a "luta pela liberdade" dos mossoroenses: o Motim das Mulheres, em 1875, que alude ao descontentamento de um grupo de mulheres com relação a lei do recrutamento militar dos seus esposos e filhos; a Resistência de Mossoró ao bando de Lampião, em 1927, e o fato da professora mossoroense Celina Guimarães Viana ter sido a primeira mulher a votar na América Latina, em 1928, embora o seu voto não tenha sido contabilizado.

de massificação da identidade histórica criada pela elite intelectual local.

Uma cidade é um grande complexo educativo, pois constitui-se como uma teia de signos dentro de uma espacialidade disponível para a leitura de seus habitantes. A aprendizagem ocorre em decorrência da própria "experiência urbana uma vez que se criam as possibilidades novas de encontro, de comunicação, o confronto de condições de vida e (re)construções de consciências" (MEDEIROS NETA, 2010, p. 215).

É importante mergulhar na profundidade dos discursos emitidos pela historiografia local, observar suas intenções, entrelinhas, subjetividades e as relações de poder ali presentes. Na apresentação do "Auto da Liberdade", as palavras "coragem", "bravura", "pioneirismo", "resistência", e outras semelhantes, oferecem, aos espectadores, uma memória gloriosa e saudosista, levando-os a valorizar os feitos de alguns notáveis, identificando-os como heróis locais. A glorificação de personalidades do passado possui a finalidade de promover a ideia de que esses foram os únicos responsáveis pelo progresso, organização e desenvolvimento do espaço local. Como salienta Felipe (2008, p. 46-47), "é a possibilidade de que seja produzida uma emoção, fixada uma narrativa e avivada a imagem dos antepassados e dos seus feitos que emitem ordens e exemplos para nortear a ação dos vivos".

Para manter o controle sobre a cidade, a família Rosado, detentora, ao longo do século XX, dos poderes executivo e legislativo municipal e estadual, e até nacional, elaboraram um discurso de

uma dedicação total a Mossoró, resgatam o passado, montam uma narrativa. [...] Para tanto, *elegem os heróis*, os mortos e *os fatos que devem ser rememorados*, realçando aqueles em que são lembrados apenas acontecimentos potencialmente capazes de gerar devoção (FELIPE, 2008, p. 44, grifo nosso).

Segundo Costa (2011), nas décadas de 1940 e 1950, a família Rosado organizou um projeto cultural que atendesse aos seus interesses e buscasse construir versões da história e da memória de Mossoró de modo a favorecer e legitimar o seu poder político e econômico. Além da

produção de livros pela Coleção Mossoroense, também foram criados o Museu Municipal Lauro da Escóssia e a Biblioteca Pública Municipal. Conforme Costa (2011, p. 42), "a biblioteca e o museu espacializariam a cultura da cidade. A cultura teria um espaço fixo, imóvel, pronto a ser consumida pela sociedade mossoroense, tanto do presente como do futuro".

Na história das localidades, a forte presença da memória oficial configura-se em um desafio para o ensino crítico da História. A memória, por ser seletiva, estabelece o que deve ser lembrado ao passo que lança o resto no esquecimento ou no silenciamento (POLLAK, 1989, 1992; LE GOFF, 2003). Nesse sentido, Fonseca (2003) observa que materiais didáticos (textos, guias, encartes) disponíveis para a utilização no ambiente escolar, são, muitas vezes, produzidos pelos órgãos locais que possuem, de maneira explícita ou indireta, o propósito de difundir a imagem de famílias ou grupos detentores do poder político. Além de fortalecer o culto às personalidades políticas, esses materiais marginalizam a história das pessoas comuns e de suas lutas, fato muito comum não só em Mossoró.

Esse estudo acrítico, voltado apenas para a consagração de "nomes importantes" ou fatos políticos que marcaram a história da cidade, configura-se como uma formação educacional restrita que nega a possibilidade de questionamento e de reflexão sobre os fatos históricos, impedindo que o educando consiga desenvolver uma consciência histórica crítica e emancipatória. Diante disso, buscamos inserir, nas aulas de História, o trabalho e os movimentos organizados pelos trabalhadores das salinas em Mossoró.

2 Quem vive de passado é museu? Então, onde está a história dos trabalhadores?

Se o "Auto da Liberdade" serve para mostrar a "bravura", a "coragem" e a "luta pela liberdade" dos mossoroenses, por que ficaram de fora desta celebração os homens e as mulheres que trabalhavam nas salinas de sol a sol em um tipo de atividade que mais se assemelhava à escravidão?

Se eles pegaram em armas, em 1935, contra os poderes estabelecidos, não seria isso um ato de bravura, coragem e luta pela liberdade?

A resposta para essas perguntas é simples: os poderosos que foram confrontados eram justamente as elites políticas e econômicas que dominavam (e ainda dominam) em Mossoró e em âmbito nacional; logo, não faz sentido homenagear quem ousou questionar o *status quo*.

A exploração do sal no espaço que hoje é o Rio Grande do Norte remonta à colonização portuguesa (ANDRADE, 1995). As péssimas condições de trabalho, a falta de assistência social, de direitos e a baixa remuneração levaram os trabalhadores das salinas, nos anos de 1920, a se organizarem em associações operárias, inicialmente, mutualistas, voltadas para o auxílio em casos de doenças e mortes. Mais tarde, a organização operária em Mossoró se fortaleceu com a criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1928, nessa cidade.

Em 1931, foi criada a Associação dos Trabalhadores na Extração do Sal com orientação direta do PCB. Os operários começaram a aderir de forma gradativa às reuniões desse Partido, mas a Associação não era reconhecida como representação de classe por parte dos patrões, ocasionando repressões ao movimento. Por isso, muitos trabalhadores das salinas passaram a se reunir às surdinas, geralmente, em meio à caatinga, daí o surgimento do termo "Sindicato do Garrancho" pelo qual ficou conhecida a organização desses trabalhadores.

O "Sindicato do Garrancho" se fortaleceu e a busca por direitos se materializou nas sucessivas greves ocorridas nos primeiros anos da década de 1930. Porém, em 1935, um episódio político de caráter nacional influenciou diretamente as agitações operárias potiguaras. Em novembro daquele ano, os comunistas, liderados por Luís Carlos Prestes, líder da Aliança Nacional Libertadora (ANL), tentaram promover uma revolução, fato que ficou conhecido como "O Levante Comunista de 1935". O objetivo consistia na retirada do presidente Getúlio Vargas do poder e na instauração de um governo de caráter popular no Brasil.

Os grupos comunistas do Rio Grande do Norte, incentivados pela ANL, iniciaram um levante com o propósito de tomada do poder estadual. Natal e algumas cidades do interior testemunharam a organização dessa revolta. Em Mossoró, os integrantes do "Sindicato do Garrancho", prepararam-se para um movimento revolucionário, prestes a eclodir em todo o país, por meio do qual o PCB deveria tomar o poder (FERREIRA, 2000).

O propósito era manter o grupo organizado para, no momento oportuno da "revolução", como explica Ferreira (2000, p. 132):

O objetivo era manter o grupo, que estava na clandestinidade, coeso, preparando-se para intervir na "revolução" que estaria prestes a eclodir. Enquanto esse momento não chegasse, caberia a eles alargar a base de sustentação do movimento, trabalhando a adesão dos camponeses. [...] A decisão de permanecerem apenas na expectativa do início do movimento em nível nacional não se manteve por muito tempo. Foram atacados pela polícia e tiveram de travar vários combates (FERREIRA, 2000, p. 132).

Os combates entre os revoltosos e a polícia local passaram a se intensificar e as autoridades políticas enviaram policiamento para os bairros operários a fim de intimidar as famílias dos operários. Entretanto, o Levante Comunista, iniciado em Natal, durou apenas alguns dias e, ao reassumir o poder, o governador Rafael Fernandes e seus apoiadores articularam a revanche contra os opositores, atuando violentamente sobre as organizações sindicais. Com relação ao "Sindicato do Garrancho", esse teve todos os seus objetos apreendidos (mesa, cadeiras, máquinas de escrever etc.) e a diretoria presa (FERREIRA, 2000). Nesse "caça às bruxas" muitos sindicalistas "foram presos e transferidos para a Ilha Grande, no Rio de Janeiro, como Francisco Guilherme, Jonas Reginaldo, Joel Paulista, Anastácio Lopes, Antonio Reginaldo, Marcelino, entre outros" (ALCÂNTARA, 2003, p. 41).

Considerando que nas comemorações promovidas no "30 de setembro" esse fato não é destacado e muito provavelmente também não é nas escolas, haja vista os resultados de um questionário que aplicamos com quase cem estudantes do IFRN e que já fizemos menção anteriormente, resolvemos conduzir alguns alu-

nos a uma visita guiada ao Museu Histórico Lauro da Escóssia.

Baseados no conceito de lugar de memória, criado por Nora (1993, p. 21), "lugares, com efeito, nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos", compreendemos o museu como um espaço capaz de difundir determinada versão dos eventos do passado e de perpetuar a memória de um indivíduo ou grupo social.

É preciso estarmos atentos para o fato de que museu não "revela" o passado, não "fala" por si só; como toda fonte histórica, esse espaço "fala" a partir das questões feitas no presente. Por isso, a aula em um museu deve ser entendida como uma oportunidade de questionamentos e debates e não um momento de simples contemplação de objetos "exóticos".

Salientamos, com base em Ramos (2004), que, no espaço do museu, há não apenas o que se quer preservar em um determinado contexto histórico, mas, também os indícios de tudo o que se descartou naquele mesmo contexto e não foi salvaguardado pela narrativa que o museu conta para si e para a sociedade. Portanto, o museu não é um espaço inocente, neutro; ele esconde verdades e seleciona a memória desejável. Cabe ao professor o desafio de estimular o aluno a desvelar e questionar aqueles objetos.

Logo, "as exposições museológicas abrem possibilidades para que o ensino de História ultrapasse a ideia de memorização dos conteúdos e de que os livros didáticos são as únicas fontes do conhecimento" (DANTAS; ALVES; SOUZA, 2019, p. 42). Nessas ocasiões, o professor passa a exercer a função de mediador, adotando práticas que levem à criticidade dos alunos ao passo que lhes instiga e lhes desperta a curiosidade. É, assim, uma oportunidade para a reconstrução de saberes naturalizados e de apreensão de novos conhecimentos.

Para construirmos uma Educação Histórica crítica, é imprescindível chamar a atenção dos alunos para os usos ideológicos que a memória histórica está sujeita, principalmente, porque os interesses de alguns grupos sociais passam a in-

terferir no que deve ser preservado e lembrado e naquilo que deve ser silenciado ou deixado à margem (BARCA, 2005).

Guiados por essas orientações, realizamos o planejamento da visita, pois, conforme Bittencourt (2009), a prática pedagógica nos museus deve ser buscada e entendida desde o momento em que estabelecemos o roteiro de uma exposição, fazemos a apresentação do acervo até propormos atividades que avaliem a prática. Em todos esses momentos, devemos gerar reflexões e a busca de novos conhecimentos. Em função disso, realizamos uma visita ao Museu Histórico Lauro da Escóssia, sem os alunos, com fins de conhecermos os seus espaços, o acervo e as demais fontes sobre o passado de Mossoró que nos levassem a estabelecer relações com o presente e organizar nossa atuação pedagógica.

Posteriormente, em sala de aula, destacamos a importância de se conhecer a História local, estimulando-os a conhecer o Museu. Na ocasião, questionamos os alunos a respeito do que eles sabiam sobre a produção salineira, pois:

Uma das formas para motivar os alunos é conhecer sua prática social imediata a respeito do conteúdo curricular proposto. Como também ouvi-los sobre a prática social mediata, isto é, aquela prática que não depende diretamente dos indivíduos, e sim das relações sociais como um todo. Conhecer essas duas dimensões do conteúdo constitui uma forma de criar interesse por uma aprendizagem significativa do aluno e uma prática docente também significativa (GASPARIN, 2005, p. 15-16).

A visita ao Museu Histórico Lauro da Escóssia ocorreu com a participação de 15 alunos. O roteiro da visita seguiu os passos mencionados por Bittencourt (2009), a saber: abordagem da relevância do museu enquanto instituição; exposição do seu papel na constituição da memória social; destaque para história do prédio antes de se tornar um museu; exposição sobre o tipo de acervo; apresentação dos objetos como integrantes da cultura material, portanto, como fontes históricas; problematizações a partir do que foi visto no acervo.

Abud, Silva e Alves (2013, p. 136, grifo nosso), ao refletirem a respeito do uso do museu nas aulas de História, enfocam que:

O aprendizado com objetos e obras expostas nos museus começa com um olhar ativo que, aliado à problematização proposta, ajuda a conhecer e reconhecer, recortar, caracterizar, interpretar, pensar... Nesse sentido, *a visita ao museu pode ser organizada pragmaticamente pelo professor*: pode-se considerá-lo um templo, um espaço de contemplação, ou a visita pode ser revestida de um aprofundamento pedagógico ao entendê-lo como *fórum, espaço da pergunta, dos debates, dos questionamentos*.

Na ocasião, fomos recepcionados pelo diretor do museu e, em seguida, introduzimos nossa aula evidenciando a relevância que tem aquele espaço para a construção e a manutenção das memórias coletivas, por serem lugares repletos de marcas e significados do passado. Expomos a história do prédio, que antes de se tornar museu, abrigava a Câmara Municipal (no andar superior) e a Cadeia Pública de Mossoró (no térreo), onde alguns trabalhadores das salinas, envolvidos nas manifestações de 1935, foram presos.

O Museu Histórico Lauro da Escóssia é dividido em uma perspectiva temática, nas quais são abordados fatos considerados importantes para a história oficial do município. Em uma de suas salas são apresentadas fotografias antigas da cidade, produzidas pelo fotógrafo Manuelito Pereira dos Santos Magalhães Benigno, que, além das personalidades políticas, fez muitos registros do cotidiano da cidade. Ao analisar as imagens, os estudantes identificaram mudanças no espaço urbano e puderam conhecer antigas casas comerciais, cinema, escolas e personalidades da política mossoroense que hoje têm seus nomes em praças, escolas, ruas...

Entre dezenas de fotografias, apenas duas retratavam as salinas, permitindo-nos conhecer alguns aspectos do ambiente e das condições de trabalho nas salinas no início do século XX. Frisamos para os alunos que aqueles retratos antigos não eram simples ilustrações, mas fontes relevantes para o estudo do cotidiano de grupos sociais marginalizados; são documentos passíveis de análise, cabendo ao historiador deixar de ser um "analfabeto visual", como orienta Bustamante (2007).

Conforme mencionamos, as demais salas do Museu tratam da história oficial Mossoró (Motim das Mulheres, o Cangaço, o Voto feminino, a Abolição da Escravatura, Imprensa mossoroense, dentre outros). Levantamos alguns questionamentos a respeito do que esses espaços trazem de informações aos visitantes de modo que os alunos percebessem que aqueles fatos são escolhas dentre tantas outras que marcaram a história da cidade. O objetivo era levar os alunos a refletir sobre quem fez essas escolhas, porque as fez e o que não foi guardado naquele museu, mostrando-lhes o caráter seletivo da memória. Aqui, é relevante citar Caimi (2013, p. 29-30): "a lembrança (monumentos, datas comemorativas, imagens, rituais, mitos etc.) se constituem nos 'combates' pelo controle hegemônico do passado e da memória coletiva".

Finalizamos a visita conduzindo os alunos ao acervo dos jornais mossoroenses disponíveis para os pesquisadores. Os alunos puderam ler algumas reportagens do início do século XX que faziam menção à Liga Operária e às mobilizações grevistas. Pautados nas observações de Bittencourt (2009), para quem a utilização de textos jornalísticos requer a compreensão da notícia como um discurso jamais neutro, explicamos para os estudantes que os jornais possuem interesses políticos e posturas parciais. Trouxemos essa discussão com o intuito de provocar uma reflexão sobre as estruturas do poder que se encontram implícitos nos textos da imprensa no passado e no presente.

No encontro seguinte, em sala de aula, dialogamos com os alunos sobre a experiência no Museu Histórico Lauro da Escóssia. Iniciamos nossa discussão solicitando-lhes que relatassem suas impressões sobre a aula no museu. Alguns comentários foram enriquecedores para a nossa avaliação. É importante ressaltar que os alunos mencionados serão tratados de forma anônima, indicados com letras alfabéticas para preservar suas identidades.

A aluna "A"⁶ comentou sobre a visita comparando essa experiência com outra que já tinha vivido:

⁶ Os depoimentos dos alunos A, B, C, D, E e F, presentes neste artigo, foram concedidos à pesquisadora Anna Rafaella de Paiva Dantas durante a aplicação da sua proposta de ensino no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em Mos-

Quando eu visitei o museu, com minha antiga escola, não havia a preocupação de repassar de fato a história do povo de Mossoró. Então eu consegui aprender um pouco mais sobre a história mossoroense que é uma coisa que não é muito repassada de forma detalhada (Aluna A, informação verbal).

A fala da aluna sinaliza não só as limitações que, muitas vezes, ocorrem em aulas em um museu, vistas apenas como um momento de descontração, uma quebra da rotina para professores e alunos). Evidencia também a ausência da criticidade no ensino da História local, quando esse ensino acontece, pois, como salienta Fonseca (2003), a carência de materiais didáticos, a ansiedade para cumprir o conteúdo programático e a preocupação com os exames de ingresso às universidades, acabam deixando a história da localidade à margem ou simplesmente tratada como apêndice.

O aluno "B" comentou:

Eu nunca havia visitado o museu. Quando a gente pensa na ideia de museu tem uma imagem muito ligada a uma megaestrutura, mas, visitando o museu Lauro da Escóssia, pude perceber que, por mais simples que ele seja, o seu valor histórico é tão grande quanto esses outros (Aluno B, informação verbal).

O comentário de "B" nos remete às reflexões de Schmidt e Cainelli (2010, p. 150-151) ao reforçarem que "é necessário abrir os ambientes de aprendizagem histórica a outros espaços. [...] Ao visitar um museu histórico, abre-se para o aluno um campo de possibilidades sobre os sentidos da história materializada nos objetos, desde seu nascimento, sua morte e transformação". Há um despertar do senso crítico quando o estudante considera que o valor histórico de um museu não está na sua estrutura, e sim, nas fontes disponibilizadas nos acervos.

O depoimento do aluno "C" reforça a necessidade de ampliar os diálogos e a aprendizagem da História em outros espaços. Além disso, frisa a importância de se conhecer a História em nível local e das classes oprimidas:

Ao contrário da primeira vez que visitei o museu, nessa, tivemos a presença de uma professora de História, na qual tivemos a oportunidade de conhecer a história mossoroense por um outro olhar. Acredito que a visita ao museu poderia ser feita com mais frequência por outras instituições, pois as próprias pessoas da cidade não conhecem a história da sua terra, como, por exemplo, a história dos trabalhadores do sal, que eu mesmo não conhecia (Aluno C, informação verbal).

O relato do aluno "C" endossa a carência de estudos sobre a História local, como outros colegas o fizeram. Mas, dois aspectos são merecedores de realce. O primeiro, é a ênfase dada quanto à presença de "uma professora de História" na visita feita ao Museu. Mesmo que pareça estranho, há casos de professores que ministram aulas de História e que não têm formação nessa área; da mesma forma que há licenciados em História que ministram aulas de outras disciplinas. Não sabemos se esse destaque dado pelo aluno tem algo a ver com isso. O outro elemento que encontramos na fala do aluno "C" é o fato de este afirmar que viu a "história mossoroense por outro olhar", corroborando, dessa maneira, com a nossa discussão acerca do ensino da História local a partir dos grandes eventos promovidos pelo Executivo mossoroense.

Já a aluna "D" observou um elemento importante que passou despercebido por outros alunos:

Quero dar destaque para o descaso do poder público em não tentar preservar o acervo e o museu, pois é algo importante para o contexto da história de Mossoró e não é valorizado (Aluna D, informação verbal).

Percebe-se, na fala da aluna "D", a sua preocupação com a preservação do patrimônio histórico, visto que o Museu Histórico Lauro da Escóssia, apesar de ter um acervo bem-organizado internamente, demonstra sinais de corrosão e de deterioração em objetos que estão dispostos em espaço aberto.⁷ No que se refere aos jornais, esses necessitam de um tratamento por um profissional qualificado, pois muitos encontram-

soró, RN, Brasil, no dia 5 de abril de 2019.

⁷ Convém destacar que, neste ano de 2021, a nova administração municipal fez reformas no prédio do Museu Histórico Lauro da Escóssia. Desse modo, não podemos afirmar que os objetos da exposição em espaço aberto continuam sem o tratamento adequado.

-se bastante deteriorados e armazenados de maneira inapropriada. Porém, para não sermos injustos, percebemos a boa intenção de quem fez o trabalho de proteção daqueles impressos, mesmo que não tenha sido o modo correto (alguns jornais foram plastificados ou guardados em sacos plásticos que, com o tempo, colaram-se à tinta do jornal).

O alerta da aluna para os cuidados com o patrimônio histórico lembra-nos a importância desses no entender de Viana e Mello (2013, p. 57-58):

[...] os usos do patrimônio no ensino e aprendizagem de História se fazem, simultaneamente, por meio de um triplo movimento: o de construção, desconstrução e reconstrução. No primeiro caso, trata-se da atribuição de sentido para a trajetória de indivíduos e grupos, constituindo identidades orientadoras que funcionam como mecanismo de acesso à percepção de si mesmo enquanto sujeito ativo da história. No segundo, a apreensão da existência de outras possibilidades, igualmente legítimas, de criação cultural, embora, nem sempre apresentadas na forma de narrativas históricas com o mesmo grau de sentido e adesão. Já no terceiro, verifica-se a interseção entre elementos intrínsecos ao código cultural e outros externamente adquiridos, surgindo, a partir de então, algo novo e original num processo sempre dinâmico de criação.

O enaltecimento de determinados fatos e personalidades da história mossoroense e o "esquecimento" de outros também foi posto em debate. Os alunos expressaram que a história das pessoas comuns poderia ganhar mais notoriedade, pois, no acervo, os destaques das personalidades políticas ou de pessoas que pertenciam às famílias ricas da cidade sempre prevaleciam. Quanto a isso, a aluna "D" comentou:

Podemos perceber a supervalorização de 'heróis da terra'. Logo na entrada do museu a gente vê uma imagem gigante de Rodolfo Fernandes [prefeito de Mossoró à época do ataque do bando de Lampião] como um grande herói da cidade. Faltou a história do trabalhador, faltou a história do povo, tanto é que, quando tem, são imagens tão pequenas que ficam no canto da parede e no escuro que ninguém nem olha direito, passa despercebido facilmente. Percebemos a questão seletiva da História, que é vê-la através de um único viés (Aluna D, informação verbal).

O comentário da aluna "D" vem ao encontro do que havíamos planejado para a visita ao museu.

A aluna foi capaz de perceber a seletividade da memória, o culto aos heróis locais e a invisibilidade das camadas populares. A comparação entre o destaque dado à imagem do prefeito e a invisibilidade das pessoas comuns corrobora a sua fala, visto que, explicitou as distinções sociais e o lugar destinado a cada um desses grupos.

A segunda parte do encontro com os alunos se deu com uma aula expositiva dialogada, na qual aprofundamos as discussões referentes às mobilizações dos operários mossoroenses durante as primeiras décadas do século XX, sempre buscando estabelecer relações com o presente.

Frisamos, inicialmente, a relevância econômica que o sal possui para o Rio Grande do Norte, o maior polo de extração de sal marinho do país, tendo a região Oeste como principal centro de produção e beneficiamento do produto em esfera estadual e nacional, além de promover a geração de milhares de empregos.

Explicamos que, desde o início da colonização, havia relatos da existência do sal marinho no espaço hoje correspondente ao Rio Grande do Norte, porém, em virtude do monopólio do sal, estabelecido pela Coroa Portuguesa, a exploração efetiva somente passou a ocorrer a partir do século XIX. Em meados daquele século, Mossoró se destacava como um grande empório comercial, atraindo não apenas comerciantes ricos estrangeiros, mas também muitos migrantes pobres, especialmente, nos períodos de estiagem. Aliás, em uma dessas secas, essa população miserável foi usada para construir o prédio da cadeia pública, hoje o Museu Histórico Lauro da Escóssia. Essa mão de obra, farta e barata, precisou se submeter às condições de trabalho semelhantes à escravidão, nas salinas e na cidade, levando, mais tarde, à formação das primeiras associações mutualistas, haja vista não existir assistência social.

A discussão acerca do trabalho nas salinas, no início do século XX, deu-se a partir de duas fotografias de autoria do fotógrafo Manuelito Pereira, expostas no Museu, retratando o ambiente das salinas e a utilização da força humana nas etapas de extração e transporte do sal (Figuras 1 e 2).

Debatemos, com os alunos, a precariedade do ambiente de trabalho, a falta de equipamentos de proteção e os adoecimentos causados pela intensa exposição ao sol e ao sal. As fotografias,

apesar de não serem em cores, revelam que a maioria daqueles trabalhadores eram pessoas negras, ou seja, continuavam na mesma situação de miséria dos seus antepassados.

Figuras 1 e 2 – O trabalho nas salinas de Mossoró em princípios do século XX



Fonte: Acervo do Museu Histórico Lauro da Escóssia.

Além das fotografias, usamos um trecho da obra "Sindicato do Garrancho", de Brasília Carlos Ferreira (2000), no qual a autora destaca o depoimento de um antigo operário do sal que fala sobre os diversos tipos de doenças causadas em decorrência do trabalho nas salinas. Seu entrevistado narrou que o reflexo do sal era acentuado e afetava a visão, chegando a cegar; disse-lhe também que eram comuns os furúnculos gerados pelo sal que penetrava na pele dos trabalhadores. Estabelecendo um elo com a discussão, observamos a concepção de trabalho como valor de troca, reduzindo a produção humana a uma mera perspectiva mercadológica.

Essas adversidades impulsionaram a organização da classe operária mossoroense, primeiramente, por meio das associações mutualistas e, depois, com a criação da Associação dos Operários do Sal (1931). Para isso, usamos, como fontes, depoimentos coletados por pesquisadores.

Por fim, apresentamos uma fotografia que nos foi disponibilizada pela família de Francisco Guilherme de Souza, militante do "Sindicato do Garrancho" e membro do Partido Comunista. Chico Guilherme, como era popularmente conhecido, atuou diretamente nas greves das salinas e acabou tornando-se preso político. Partindo da história de Chico Guilherme e de outros inte-

grantes do Partido Comunista, em Mossoró, como Lauro Reginaldo, Joel Paulista, Manuel Torquato, dentre outros, problematizamos o direito à resistência dos trabalhadores na década de 1930 e na atualidade a partir da seguinte indagação: "Todos possuem o direito de lutar contra a opressão no mundo trabalho?". Esse questionamento dividiu as opiniões dos estudantes, alguns explicitaram que a classe trabalhadora possui o direito de resistir pelo fato de vivermos em uma democracia. Uma aluna pontuou que muitos trabalhadores não possuem uma formação educacional crítica que os faça compreender a importância das lutas sociais.

O comentário da aluna nos levou a refletir a respeito da luta pela dignidade no mundo do trabalho. Ressaltamos que a falta de uma educação emancipatória é intencional na sociedade capitalista, pois, faz-se necessário, segundo a ótica do capital, manter cidadãos aptos apenas a suprir as exigências do mercado. Portanto, não convém formar indivíduos que analisem criticamente as dificuldades vivenciadas no trabalho e que problematizem a exclusão social.

O terceiro e último encontro com os alunos objetivou avaliar nossa proposta pedagógica como um todo. Foi dado aos alunos o espaço para apreciações. A aluna "E" expôs:

[...] como a gente teve acesso ao Jornal O Nordeste, a gente conseguiu ver algumas coisas e as manchetes da época. Foi muito importante ter esse acesso a essa questão da luta operária em Mossoró, especialmente com relação à maneira como os trabalhadores eram tratados nas salinas e como funcionava o trabalho que geralmente não são assuntos passados pra nós, mas pra mim foi o que achei de mais interessante (Aluna E, depoimento verbal).

É possível identificar, no depoimento da aluna, o sentimento de empatia com os operários das salinas, demonstrando um dos elementos que constituem a consciência histórica. Por ter feito menção ao jornal *O Nordeste*, aproveitamos o ensejo para discutir o caráter ideológico daquele impresso, alinhado à classe política da época. Nessa reflexão, ressaltamos o discurso parcial do jornal e a sua influência na informação sobre a atuação da Liga Operária. O jornal retratava, em uma matéria curta, o apoio da Liga Operária à mobilização dos operários da Estrada de Ferro que reivindicavam a ausência do pagamento. O teor do texto expressava claramente o posicionamento político contrário às manifestações dos trabalhadores, chegando a tratar o episódio como algo vergonhoso e contra a ordem.

O aluno "F" também fez seu comentário:

Além de ter aprendido sobre a história da luta operária, do movimento organizado dos trabalhadores aqui em Mossoró, o que me chamou atenção foi o fato dessa história se encontrar esquecida. Eu também me questioneei se isso era apenas uma coincidência ou se era um projeto onde determinados fatos e figuras são valorizados em detrimento de outros. Podemos observar que realmente é um projeto porque a partir do momento que personagens e fatos como esses são esquecidos e você elege determinadas figuras e fatos considerados como importantes, você está privilegiando uma posição, uma ideia de posição de valores. Então, se somente os fatos que nós tão bem conhecemos, como a dita resistência ao bando de Lampião, o Motim das Mulheres, o Voto Feminino, se são apenas esses fatos que são privilegiados, então porque o movimento organizado dos trabalhadores foi esquecido? A quem isso interessa? Para mim o mais interessante foi isso, foi ter suscitado esses questionamentos, além do próprio fato de ter adquirido conhecimento sobre esse movimento que foi muito forte na nossa região e que estava sintonia com o movimento nacional. Também

foi muito interessante saber das peculiaridades com que se deu esse movimento, onde mulheres esconderam armas dentro das suas roupas para ajudarem na formação da guerrilha que se escondia pelo mato e ficava de tocaia, enfim, foi uma experiência muito gratificante o fato de ter conseguido absorver esse conteúdo e ter discutido sobre esses questionamentos a respeito da nossa memória histórica (Aluno F, informação verbal).

Quando o estudante menciona, "então por que o movimento organizado dos trabalhadores foi esquecido? A quem isso interessa?" percebemos que ele consegue compreender as relações de poder existentes na sociedade, ao mesmo tempo em que estabelece a relação do passado com sua vida prática. Outro ponto que analisamos na fala do educando foi a conexão da história local com os eventos nacionais, pois sabemos que os estudos referentes às localidades não podem ser apresentados apenas de forma singularizada, é preciso que haja sempre uma contextualização ampla para que a história local não se restrinja a um mero apêndice da história nacional.

É perceptível que os alunos demonstraram um pensamento questionador ao fazer inferências críticas. Sem dúvida, podemos entender que a experiência no museu contribuiu para uma ampliação de sua consciência histórica⁸, entendida por Rüsen (2001, p. 57), como "a suma das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência da evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente sua vida prática no tempo". É central na argumentação desse historiador a concepção de que ao homem cabe agir intencionalmente no mundo, não o tomando como naturalizado, mas como uma construção histórica. Dessa maneira, ele torna-se capaz de agir no sentido de transformar sua realidade.

A partir desses relatos e de outros que não foi possível expor nesse artigo, com limites de páginas, podemos afirmar que ensinar a História local com visitas a espaços de memória torna a construção do conhecimento mais dinâmica.

⁸ Consciência histórica é uma expressão que vem sendo muito usada entre os pesquisadores do ensino de História. No entanto, é importante ressaltar que não há um sentido comum a todos que fazem uso desse termo. Como não temos espaço para discutir os vários sentidos, utilizamos aqui o conceito dado pelo historiador alemão Jörn Rüsen (2001).

Os alunos expressaram que, a partir dessa experiência, passaram a conhecer mais a História da sua cidade e sentiram-se sensibilizados a observá-la por outros ângulos além daquele mostrado anualmente nos espetáculos teatrais promovidos pelo poder público.

Por fim, embora pareça repetitivo e óbvio para os estudiosos do ensino de História, não é demais enfatizarmos que o processo de ensino-aprendizagem dessa disciplina não deve se restringir à simples transmissão de saberes. Cabe ao docente proporcionar espaços de debates e inquições de modo a levar os discentes a questionar o porquê das verdades pré-estabelecidas e como ocorre a naturalização das desigualdades sociais. Em outras palavras, significa realçar, o compromisso do professor com a conscientização dos alunos na perspectiva de Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, uma "Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará" (FREIRE, 2012, p. 35).

Considerações finais

Este artigo nasceu do propósito de refletirmos acerca dos esquecidos, dos trabalhadores das salinas que, no início do século passado, organizaram-se para combater o regime de opressão sob o qual viviam e que, por isso, foram silenciados pela memória oficial construída em Mossoró, RN e na região salineira. Mesmo que pareçamos pretenciosos, foi nosso esforço contribuir para a construção de uma "história vista de baixo" para essa região. Obviamente, um desafio e um risco, visto que, como afirma Sharpe (1992, p. 12), "A ideia de uma tal abordagem da história é muito sedutora, mas, como tão frequentemente acontece, os problemas envolvidos no estudo do passado, rapidamente tornam-se mais complexos do que podem parecer à primeira vista".

Nesse intuito, utilizamos como estratégia, uma visita ao Museu Histórico Lauro da Escóssia por compreendermos os museus como importantes espaços pedagógicos, especialmente quando se

trata do ensino de História local. Entendemos que os seus acervos, mesmo que sejam portadores de tradições, costumes e crenças do passado, abrem portas para a reflexão sobre o presente, cabendo ao docente estimular os educandos para que esses desnaturalizem algumas informações reproduzidas pela educação formal e não formal.

No encontro que antecedeu e nos subsequentes à visita, os educandos demonstraram satisfação e conseguiram relacionar fatos discutidos na sala de aula, como as mobilizações sindicais, a outros episódios históricos de caráter nacional. A articulação entre o local, o nacional e o global deve ser um dos objetivos dos docentes que trabalham com temas da História local em sala de aula, pois, conforme Neves (1997, p. 22) cada localidade consiste "em um recorte de uma realidade mais ampla que é contextualizada com o geral, o local, fora de um contexto geral, é apenas um fragmento e o geral, sem o respaldo das realidades locais, é apenas uma abstração".

No tocante à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), *locus* onde realizamos nossa atividade pedagógica, as ponderações contribuíram para reforçar as bases em que se assentam o Projeto Político-Pedagógico do IFRN: "Neste PPP, o IFRN assume o currículo como um conjunto integrado e articulado de atividades intencionadas, pedagogicamente concebidas a partir da visão crítica de ser humano, de mundo, de sociedade, de trabalho, de cultura e de educação [...]" (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE, 2012, p. 55).

Infelizmente, a proposta do PPP do IFRN chocha-se com limitações, dentre as quais, a carência de uma formação contínua de professores para a EPT. A literatura acerca desse tema tem mostrado que a formação docente para essa modalidade de ensino ocorre de maneira descontínua, emergencial e, geralmente, com cursos rápidos e sem maiores aprofundamentos. Dessa forma, muitos docentes que atuam na EPT pouco (ou não) conhecem as bases conceituais em que se assentam a modalidade de ensino na qual exercem a sua prática.⁹

⁹ A produção acadêmica acerca da formação de professores para EPT tem ganho notoriedade nos últimos anos em programas de

Por fim, esperamos que essa experiência que se materializou em um produto educacional desenvolvido no interior do Rio Grande do Norte, em um curso de mestrado profissional, seja reproduzida com adaptações, revisões e correções (se for o caso), em outros espaços do Brasil, levando alunos da educação básica a conhecer e refletir sobre sua própria história. É importante que eles saibam que suas casas, ruas, praças, bairros são espaços de memória e de história.

Referências

- ABUD, K.; SILVA, A. C. M.; ALVES, R. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- ANDRADE, M. C. **O território do sal**: a exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no Rio Grande do Norte. Natal: UFRN, 1995.
- BARCA, I. **Educação Histórica**: uma nova área de investigação? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ENSINO DE HISTÓRIA, 6., 2005, Londrina, **Anais** [...]. Londrina: Paraná, 2005, p. 15-25.
- BEZERRA, A. C. A. Festa e cidade: entrelaçamentos e proximidades. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 7-18, jan./jun. 2008.
- BITTENCOURT, C. M. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRAZ, E. P. **Abolição da escravidão em Mossoró**: pioneirismo ou manipulação do fato. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 1999.
- BUSTAMANTE, R. M. Uma imagem vale mais que mil palavras! *In*: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (org.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007. p. 239-250.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar**: a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CASCUDO, L. C. **Notas e documentos para a história de Mossoró**. 4. ed. Mossoró: FGD, 2001.
- COSTA, B. B. A. **"Mossoró não cabe num livro"**: Luís da Câmara Cascudo e a produção historiográfica do espaço mossaoroense. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.
- DANTAS, A. R. P.; ALVES, C. M.; SOUZA, F. C. S. Para além da sala de aula: o uso do museu como espaço de ensino-aprendizagem da História Local. *In*: TAMANINI, P. A. (org.). **História ensinada**: uma prosopografia do ensino de História no Brasil. Curitiba: CRV, 2019. p. 35-45.
- FELIPE, J. L. A. Festa e poder político. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 43-52, jan./jun. 2008.
- FERREIRA, B. C. **Sindicato do Garrancho**. Natal: UFRN, 2000.
- FONSECA, A. S. S. Tempo, memória e cidade. *In*: ROSADO, C. A. S.; MAIA, I. A. R. (org.). **Os Rosado em tese**. Natal: Normalize; SerGraf, 2001. p. 213-222.
- FONSECA, S. G. **Didática e prática de ensino de História**. 8. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2003.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político-Pedagógico do IFRN**: uma construção coletiva. Documento-Base. Natal: Editora IFRN, 2012.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- MALDANER, J. J. A formação docente para a Educação Profissional e Tecnológica: breve caracterização do debate. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 2, n. 13, p. 182-193, 2017.
- MEDEIROS NETA, O. M. É possível uma cidade pedagógica? **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 40, p. 212-221, dez. 2010.
- MONTEIRO, D. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2000.
- MORAIS, J. M.; SOUZA, A. P.; COSTA, T. A relação teoria e prática: investigando as compreensões de professores que atuam na educação profissional. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 1, n. 12, p. 111-124, 2017.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 3, p. 7-28, dez. 1993.
- RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó: Argos, 2004.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

NONATO, R. **Memórias de um retirante**. 2. ed. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1987.

ROSADO, V. **Mossoró**. 2. ed. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, 2006.

RÜSEN, J. **Razão histórica**. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora da UnB, 2001.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. R. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2010.

SHARPE, J. A História vista de baixo. *In*: BURKE, P. (org.). *A escrita a História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1992. p. 39-62.

SILVA, C. M. B.; SANTOS, E. O. Formação continuada do professor do ensino médio integrado: concepções e importância. **Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica**, Natal, v. 1, p. 1-15, 2020.

SILVA, R. S. *et al.* Formação docente na Educação Profissional e Tecnológica: desafios e contribuições da formação continuada para atuação docente. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, Vitória, v. 4, n. 3, p. 100-130, 2020.

SILVEIRA, J. A.; SANTIAGO, S. B.; RODRIGUES, B. S. F. Formação docente na educação profissional e tecnológica: desafios e contribuições da formação continuada para atuação docente. **Holos**, Natal, v. 3, p. 1-16, 2020.

SOUZA, F. S. S.; RODRIGUES, I. S. Formação de professores para Educação Profissional no Brasil: percurso histórico e desafios contemporâneos. **Revista Histedbr on line**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 621-638, abr./jun. 2017.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa II**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa III**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987c.

VIANA, I. S.; MELLO, J. S. B. Educação patrimonial e ensino de História: diálogos. **Encontros**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 49-62, 2013.

Francisco das Chagas Silva Souza

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil; mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Mossoró, RN, Brasil; professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), em Mossoró, RN, Brasil.

Endereços para correspondência

Anna Rafaella de Paiva Dantas

Rua Francisco Cavalcante de Moura, 42

Sumaré, 59615-690

Mossoró, RN, Brasil

Francisco das Chagas Silva Souza

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Rua Raimundo Firmino de Oliveira, 400

Ulrich Graf, 59628-330

Mossoró, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.

Anna Rafaella de Paiva Dantas

Mestre em Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), em Mossoró, RN, Brasil; professora da Secretaria de Estado da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte (SEEC), em Mossoró, RN, Brasil.